

# O único remédio

por A. FREITAS BASTOS

Transcrevemos, pela sua flagrante actualidade, este artigo de Freitas Bastos, publicado num semanário de Lisboa, em Maio de 1933.

«Num artigo publicado nos «Chahiers Coopératifs», escreveu Georges Valois esta frase que contém uma das observações de maior agudeza que têm sido feitas sobre a crise presente da civilização ocidental: «Os corpos já evoluíram; os espíritos estão ainda no antigo regime».

Vale a pena meditar sobre esta afirmação, procurar-lhe o significado profundo e o grau de ajustamento às circunstâncias actuais; só pela meditação se pode formar o tipo de homem que há de enfrentar e resolver os problemas que estão aí diante de nós.

Uma primeira questão levanta a frase de Valois—existe, no nosso tempo, uma diferença de grau entre a evolução das circunstâncias, digamos, materiais da sociedade e a dos espíritos? E, se essa diferença existe, é em vantagens das circunstâncias materiais? O espírito está atrasado?

Por muito que nos peze ter de responder pela afirmativa a estas perguntas, somos obrigados a fazê-lo porque é essa resposta pela afirmativa que corresponde, cremos bem, à realidade. A evolução da sociedade realiza-se constantemente em dois planos diferentes que mutuamente se condicionam e influenciam—um constituído pelo conjunto das relações sociais em que o homem e o grupo vivem; outro formado pelas representações ideais que os homens fazem dessas relações.

Primado de um, do outro plano? Longe de mim a ideia de pretender abordar esse problema; falta-me a competência para debater coisa de tamanha subtilidade. Contento-me com verificar a existência e reacções mútuas desses dois campos e notar os resultados dessas reacções.

Prende-se a isso alguma coisa de fundamental para a inteligência dos acontecimentos; ou os compreendemos e domi-

namos, ou eles nos esmagam; eis o dilema.

A humanidade segue, no seu caminho, uma evolução de sentido certo—a unificação, numa síntese que tem qualquer coisa de grandioso e belo, da potência individual e colectiva, servida por um reforçamento ao máximo da personalidade do homem, reforçamento esse que, por virtude da sua própria realização, permitirá o desaparecimento do antagonismo entre o indivíduo e a colectividade.

Não posso, dentro dos acanhados limites deste artigo, explicar convenientemente

esta ideia que procurei tratar algures.

Essa marcha da humanidade para a *Unidade* efectua-se porém através de contradições, só se conseguindo dar um passo novo quando se pode vencer um antagonismo.

Há períodos históricos que apresentam antagonismos violentos e são esses os períodos das grandes transformações na orgânica social. Examinemos, numa época de transformação, o estado das condições das duas naturezas que poderemos denominar objectivas e subjectivas—as primeiras correspondendo ao plano material, as

## cavar, cavar... (continuação da página anterior)

Ele ficava-se, a coçar a testa.

A desgraça assaltara-lhe a casa. Agora, era a companheira que, uma vez por semana, descia a encosta, em andamento de procissão, e ia aviar-se à vila. Abalava de manhã. Ele, todo o dia a mascar, espiava o agro: as ervaes começavam a invasão—tudo para ali ao deus-dará.

Depois, a situação complicou-se: a mulher acabou por adoecer; dera-lhe um «ar», a boca descaída a ensalar caretas, sem poder mastigar. Mingava aos poucos. O velho afilto, não sabendo de pratos que lpingisse à doença. Ela mingando, mingando...

As economias duma vida de cavas tinham-se sumido num fôlego. Só restavam uns patacos. A continuar assim, tinha de vender a terra, lucro da sua velhice caduca. Não, isso não; não seria como os outros: antes esparnecar com uma corda nas guelas.

Lá fóra, chovia a cântaros. Embrulhou-se na capa e velo deitar o olho pelos vidros. Como o enervava ver aquele torrão maldito; parecia uma boiça—não realçava no lombo do Monte Gordo. Ele mal se arastando, a companheira a estoirar na enxérga, a terra também doente. Tudo parecia mais negro no findar da tarde. Água, água a cair, a gleba ensopada. No quarto, a mulher

socegara; talvez precisasse de alguma coisa. E ficou-se no umbral do tabique, a olhá-la. Findara, estava fria. Sentiu-lhe a morte como uma ocorrência natural. Tinha de ser. Sobrava ele. O rapaz abandonara-o, confiando na fortaleza dos músculos. Sobrava ele, um impedilho que não mexia uma palha.

Tinha escurecido mais. Enrolou-se, de novo, na capa e salu. Os bagos da chuva batucavam-lhe os costados. Não ficaria para ali como um inútil. Queria morrer, mas lá em cima, no alto do monte, a ver, a encher os olhos de toda a propriedade.

A noite cada vez mais próxima: invadira o pinhal, ao fundo. Mal podia agitar os pés. Lá cima, lá cima, queria morrer lá em cima. A água chocalhava-lhe nas botas, tornava-lhe o fato pesado. Chegaria ao pinheiro: deus ajudava-o. Deus!, não há deus... Se existisse, não gatinhava ele agora; deus é o trabalho:—cavar, cavar...

A água chegava-lhe ao corpo. Deixou-se cair; dali via tudo, até a luz fraca na janela do casal. A mulher esticava. Ele ia também morrer. Vender, isso não. Sentia-se bem, assim molhado.

A noite alastrara de todas as bandas.

—Deus não existe! Há é trabalho:—cavar, cavar...

segundas ao plano espiritual, a que atrás me referi. Só quando os graus de evolução nesses dois planos são concordes, a transformação se realiza num sentido coincidente com o da evolução geral.

Se se não verifica a concordância, mal vai à sociedade. O povo alemão pode dizer-nos alguma coisa a esse respeito—o primeiro palhaço que lhe passou à beira fê-lo torcer caminho e lançou-o num fôlego de que se não sabe ainda quando sairá, nem como.

O drama presente da civilização ocidental reside precisamente nisto: a uma evolução rápida, de ritmo catastrófico, no plano material, não correspondeu uma evolução convenientemente ajustada no plano espiritual.

Essa disparidade gerou um estado de desnorreamento em que os homens, agarrados a ideias fantasmas do passado, não sentem a realidade do seu tempo e procuram um acomodamento impossível entre essas fantasmas e o mundo real.

Qual o remédio para esta situação? Parece-me que há só um—que cada um se purifique pelo pensamento autónomo e se erie a si mesmo uma personalidade, para que se possa formar uma colectividade de indivíduos fortes, colectividade que saiba, em cada momento, o que lhe convém e como realizá-lo.

Passou a época dos Messias e, quer queiram quer não, também a dos rebanhos. E' preciso que os pastores se convençam disso e deltem fora o caçado. E que se convençam ainda de outra coisa—de que, se o não fizerem de vontade, virão a fazê-lo sem ela e de que o futuro só terá para eles dois destinos: uma página negra na história ou um lugar no museu dos jacarés empalhados.»

## Cobrança

Avisamos os estimados assinantes que não puderam pagar os seus recibos da presente série, quando lhes foram enviados em Julho pp., que vão ser de novo distribuídos para a cobrança respectiva.

Pedimos a maior solicitude no seu pagamento.